

## A ESCOLA NOVA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Maria de Lourdes Porfírio Ramos Trindade dos Anjos

### RESUMO

Esse estudo se propõe analisar aspectos relevantes da Escola Nova no Brasil, seu ideário, o movimento, e como aconteceu à reforma do sistema escolar no Brasil. A investigação recorreu à pesquisa bibliográfica. O pensamento de Ghiraldelli Junior, Dermeval Saviani, Franco Cambi, Maria Rita de Almeida Toledo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Diana Gonçalves Vidal, serviram como aportes teóricos do estudo. O resultado da pesquisa constatou-se que aconteceram reformas em diferentes estados do Brasil. Houve avanço na implantação do ensino elementar, a presença do ensino secundário e o advento de universidade. Com o movimento, a escola tradicional passou em revista seus paradigmas e tentou adequar-se a nova pedagogia.

### Introdução

A década de 1920, marcada pelo confronto de idéias entre correntes divergentes, influenciadas pelos movimentos europeus, culminou com a crise econômica mundial de 1929. Esta situação repercutiu diretamente sobre as forças produtoras rurais que perderam do governo os benefícios que garantiam a produção. A evolução de 1930 foi o marco referencial para a entrada do Brasil no mundo capitalista de produção. O acúmulo de capital, do período anterior, permitiu que o Brasil pudesse investir no mercado interno e na produção industrial.

A nova realidade brasileira passou a exigir uma mão de obra qualificada e para tal era necessário investir na educação. Sendo assim em 1930, foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública e, em 1931, o governo provisório sanciona decretos organizando o ensino secundário e as universidades brasileiras ainda inexistentes. Esses decretos ficaram conhecidos como “Reforma Francisco Campos”.

A partir dessas necessidades e sob a inspiração de novos ideais de educação, é que se gerou, no Brasil, o movimento de reconstrução educacional.

As críticas à pedagogia tradicional ocorreriam em função de um conjunto de preocupações por parte dos educadores em relação a uma nova escola. A sociedade no

final do século XIX sofria importantes mudanças econômicas, políticas e sociais no Brasil. Era necessário que a escola preparasse o homem moderno, para integrar-se à nova sociedade que deveria ser essencialmente democrática. A Escola Nova se preocupava com as crianças, com as relações de aprendizagem, o respeito às normas higiênicas, com a disciplinarização do corpo dos alunos e de seus gestos. A cientificidade da escolarização de saberes e fazeres sociais, a valorização do ato de observar se construía o conhecimento do aluno.

Na década de 1920 novos questionamentos surgiram em relação ao movimento renovador e rupturas aconteceram em torno das práticas escolares tidas como tradicionais. O objetivo desses renovadores era ter uma escola ideal, com um ambiente agradável, onde as práticas pedagógicas pudessem ser rompidas por outro ambiente diferente. Conforme explicita Viriato Correia:

A Escola, realmente não podia ser aquilo. Escola não podia ser aquela coisa enfadonha, feia, triste, que metia medo às crianças. Não podia ter aquele aspecto de prisão, aquele rigor de cadeia. Escola devia ser um lugar agradável, cheio de atrativos, de encantos, de beleza, de alegria, de tudo que recreasse e satisfizesse o espírito. (FERRO, 2000, p. 9).

Essas inovações que apareceram no final do século XIX e início do século XX, na Europa e nos Estados Unidos visavam uma educação que pudesse integrar o indivíduo na sociedade, e ampliasse o acesso de todos à escola. Mas, apesar destas ideias, houve muita resistência a transformação, e mantiveram em muitos aspectos, práticas da escola tradicional. Isso motivou a Escola Nova a se organizar basicamente na forma de escolas experimentais ou núcleos bem equipados, e destinados a um pequeno grupo de elite. No entanto, o ideário da Escola-novista foi amplamente difundido e conseguiu ser entendido por um grande número de educadores das redes oficiais que desenvolviam o ensino tradicional.

### **Os Pioneiros**

Os precursores do movimento renovador surgiram na Renascença (século XVI) com o desenvolvimento do comércio e as viagens dos descobridores europeus. Nessa época em que a Europa passou a ter visibilidade e se lançava na descoberta e conquista do mundo, a concepção pedagógica existente, já não servia. Era preciso transformar a

---

educação. Entre os educadores que se envolveram (em diferentes países) na discussão desse processo educativo foram: Cecil Reddie, Adolfo Ferrière, Pierre Bovet, John Dewey, William Kilpatrick, Ovide Decroly, Claparède, Hélène Lubienska, Maria Montessori, Georg Kerschensteiner, Célestin Freinet, Anton Makarenko, Rousseau, Pestalozzi e Fröbel.

Franco Cambi (1999), fez uma síntese do movimento pedagógico em sete temas básicos: puericentrismo (procedimentos didáticos centrados na criança); ênfase na aprendizagem pela atividade; motivação; estudo a partir do ambiente circundante; socialização; antiautoritarismo (crítica a imposições) e antiintelectualismo (crítica ao verbalismo de muitos programas de ensino).<sup>1</sup>

No Brasil o escolanovismo vinha ganhando espaço desde 1920 teve um marco importante em 1932 com o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”. Os principais signatários foram: Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo.

No Brasil um dos seus expoentes foi Anísio Teixeira<sup>2</sup> que ao ler as obras de Dewey<sup>3</sup> e conhecer as teses do pragmatismo<sup>4</sup> norte-americano, foi absorvido pelas ideias de

---

<sup>1</sup> História da Pedagogia

<sup>2</sup> Conforme Adriana Vera e Silva, Anísio Teixeira era baiano e definia a escola pública como a raiz da democracia e introduziu, nos anos 20, idéias que ainda hoje influenciam o ensino. Participou dos movimentos mais importantes do ensino, dos anos 20 aos 60. Ele foi o principal articulador da Escola Nova, que deixou profundas marcas a partir de 30. Toda sua obra se baseia na idéia de que a democracia depende do acesso de todos ao ensino. Anísio Teixeira dizia: “Só existirá uma democracia no Brasil no dia em que se montar aqui a máquina que prepara as democracias. Essa máquina é a escola pública”. Em 1934, foi o principal mentor da extinta Universidade do Distrito Federal (UDF), e do Instituto de Educação, a primeira escola de nível superior para a formação de professores, ambas, no Rio de Janeiro. Em 1950, fundou, em Salvador, o Centro Educacional Carneiro Ribeiro chamado também de Escola Parque. Ali foram colocados em ação os princípios da Escola Nova, como valorização de atividades práticas e de lazer. Teixeira também montou as bases do sistema de ensino de Brasília, até hoje um destaque entre as redes públicas do país. Apesar de sua enorme influência, ele enfrentou opositores. Por duas vezes – uma nos anos 30, durante o Estado Novo, e outra em 1964, no período militar, foi perseguido por ser considerado esquerdista. Por várias ocasiões, autoridades da igreja o criticaram, porque ele queria a extinção do ensino religioso nas escolas públicas. Entretanto, esse homem tachado de comunista era admirado nas universidades dos Estados, o país símbolo do capitalismo, em plena Guerra Fria. E, embora combatido pela Igreja, era católico fervoroso e quando jovem pensou em ser padre. Teixeira trouxe para o Brasil as ideias do pedagogo e filósofo americano John Dewey (1859-1952), e as introduziu em nossa educação a partir da década de 30. Entre essas ideias, as duas experiências eram a defesa da escola pública e gratuita e a necessidade da implantação de experiências práticas nas salas de aula. Cf. o site: [http://nova.escola.abril.com.br/Ed/114\\_ago98/html/historiaeducacao.htm](http://nova.escola.abril.com.br/Ed/114_ago98/html/historiaeducacao.htm)

<sup>3</sup> O filósofo norte-americano John Dewey (1859-1952), “sofreu influência do pragmatismo de William James, tornando-se um dos maiores teóricos dos princípios da escola nova”. Cf. VEIGA foi professor em importantes instituições universitárias americanas, entre elas a Universidade de Chicago, onde implantou a escola-laboratório para pesquisas e experiências educacionais, e a Universidade de Colúmbia (Teachers College), que recebia estudantes de diversos países. O conjunto de análises e interpretações de Dewey

---

democracia e de ciência, as quais apontavam a educação como canal capaz de gerar as transformações necessárias para um país como esse que buscava se modernizar. O mais importante seguidor das ideias deweyanas no Brasil vê a sociedade em constante transformação em todo campo; social, econômico e político. Depositava toda sua crença na escola, confiando que ela deveria formar indivíduos aptos para refletir sobre a sociedade. Acreditava na justiça e igualdade social.

A luta por uma educação renovada ganhava espaço na imprensa onde se debatiam os problemas educacionais. As propostas presentes no documento foram: Ênfase para a educação pública, a escola única, a co-educação, a laicidade, a gratuidade e obrigatoriedade do ensino elementar, descentralização do sistema escolar, ensino ativo, uso da psicologia na educação, e a renovação metodológica.

Em 1930, Lourenço Filho publicava seu mais famoso trabalho: “Introdução ao estudo da Escola Nova”, no entanto, quem foi convidado a redigir o “Manifesto” e como líder do movimento de educação nova no Brasil foi Fernando de Azevedo, assevera Toledo “aceitar a incumbência de redigir o Manifesto era, da perspectiva de Azevedo, assumir a suprema da nova educação no Brasil. Isso significava colocar-se no centro das disputas políticas que após 1930 configuram o campo do debate educacional”

---

acerca da produção do conhecimento recebeu o nome de “*instrumentalismo ou funcionalismo*”. “Já que as ideias têm valor instrumental para resolver os problemas que resultam da experiência humana” (ARANHA, 1996, p.169). O instrumentalismo fundamenta a prática educativa em quatro princípios. De acordo com Lourenço Filho (1974), o primeiro princípio estabelece que todo pensamento se origina de uma situação problemática- ou seja, o pensamento não existe isolado da ação; é preciso agir para pensar, e a ação pressupõe uma deliberação. O segundo princípio é o de levar em consideração as experiências anteriores para elaborar problemas com significado concreto. O terceiro princípio é o da resolução do problema- e a legitimidade do conhecimento como instrumento que organiza a atividade humana está em pô-lo à prova. Por meio de suposições e hipóteses (construção indutiva) deduz-se sobre a validade do conhecimento. Esse mecanismo é fundamental para a formação do ato de pensar objetivamente, além de desenvolver na criança a valorização dos atos morais. Segundo Dewey aprender significa mudar de comportamento perante as diversas situações da vida. O quarto princípio e último é o da eficácia social, que destaca o valor social das ações e dos pensamentos. Não basta vivenciar situações individuais de aprendizagem - é necessário agir em comunidade, cooperando com os diferentes grupos. O aperfeiçoamento das relações sociais é o elemento fundamental da ação educativa.

<sup>4</sup> A palavra pragmatismo vem do grego *prágma*, que significa “ação”, e conseqüentemente, prática. A expressão foi utilizada por Charles Peirce e posteriormente por William James (1842-1910), ambos importantes filósofos norte-americanos. O pragmatismo recusa os “sistemas fechados, com pretensões ao absoluto”, voltando-se para o concreto, para os fatos, para a ação. As teorias deixam de ser respostas definitivas aos problemas colocados pelos homens, tornando-se simples instrumentos, ou seja, a verdade não é rigidamente estabelecida de uma só vez e para sempre, mas muda, está sempre se “fazendo”. Por isso uma proposição é verdadeira quando “funciona”, quando permite que nos a orientemos na realidade, levando-se de uma experiência a outra. (Cf. ARANHA, 1996, p. 169).

Azevedo foi escolhido pela sua postura diante das decisões políticas, ideológicas que a seu ver deveria sobrepor os interesses coletivos e a modernização da educação. Antônio Cândido ao analisar a atuação política do educador Fernando de Azevedo considerou que ele era portador de uma,

Mentalidade política *sui generis*, voltada para a educação e a cultura, mas, curiosamente, sem qualquer vinculação ou mesmo interesse partidário (...). Sem opção por este ou aquele tipo de regime, entre os que no seu tempo se sucederam no Brasil. Convencido da importância fundamental da educação para a democracia de fato, esteve sempre disposto a colaborar com dirigentes de variados perfis, desde conservadores classicamente escolhidos, como Washington Luís ou, mais especificamente, Antônio Pádua Junior, seu Prefeito no antigo Distrito Federal, até governantes impostos pelo poder central, como Waldomiro de Lima, tão malvisto pelos seus amigos do jornal “O estado de São Paulo”. Da mesma forma, colaborou com Armando Sales de Oliveira, tanto na fase em que este era interventor quando na fase que era governador. (TOLEDO, 1995, p. 70).

A problemática educacional vivenciada no Brasil voltou à baila. E a pauta principal eram os princípios norteadores, apontados pelo movimento renovador. Como: A laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e co-educação. Ghiraldelli Júnior assim define estes dispositivos,

A laicidade, que colloca o ambiente escolar acima de crenças e disputas religiosas, alheio a todo o dogmatismo sectário, subtrae o educando, respeitando-lhe a integridade da personalidade em formação, à pressão perturbadora da escola quando utilizada como instrumento de propaganda de seitas e doutrinas. A gratuidade extensiva a todas as instituições oficiais de educação é um princípio equalitário que torna a educação, em qualquer de seus graus, acessível não a uma minoria por um privilégio econômico, mas a todos os cidadãos que tenham vontade e estejam em condições de recebe-la. Aliás o Estado não pode tornar o ensino obrigatório, sem torná-lo gratuito. A obrigatoriedade que, por falta de escolas, ainda não passou do papel, nem em relação ao ensino primário, e se deve estender progressivamente até uma idade conciliável com o trabalho productivo, isto é, até 18 anos, é mais necessário ainda “na sociedade moderna em que o industrialismo e o desejo de exploração humana sacrificam e violentam a criança e o jovem”, cuja Educação é frequentemente impedida ou mutilada pela ignorância dos Pais ou responsáveis e pelas contingências econômicas. A escola unificada não permite ainda, entre alunos de um e outro sexo outras separações que não sejam as que aconselham as suas aptidões psicológicas e profissionais, estabelecendo em todas as instituições “a educação em comum” ou co-educação, que, pondo-os no mesmo pé de igualdade

e envolvendo todo o processo educacional torna mais econômica a organização da obra escolar e mais fácil a sua graduação (GHIRALDELLI JÚNIOR, 2006, p. 235).

Recorrendo as fontes percebe-se como Teixeira argumentava com seus pares politicamente. E seu discurso era lançado na tentativa de conscientizá-los sobre a importância da instituição escolar, e mostrar que a mesma, era detentora de uma função específica, a de formar indivíduos capazes de refletir sobre a sociedade, e cobrar o que lhe é de direito: a conquista da justiça e igualdade social.

Segundo Anísio a escola é local propício para a construção desta consciência social. Nela o indivíduo adquire valores; nela há condições para formar o ser social. Como a escola visa formar o homem para o modelo de vida democrática, toda ela deve procurar, desde o início, mostrar que o indivíduo, em si e por si, é somente necessidades e importâncias; que só existe em função dos outros e por causa dos outros; que a sua ação é sempre uma trans-ação com as coisas e pessoas e que saber é o conjunto de conceitos e operações destinados a atender àquelas necessidades pela manipulação acertada e adequada das coisas e pela cooperação com os outros no trabalho, que, hoje é sempre de grupo, cada um dependendo de todos e todos dependendo de cada um. A escola deve ser agente da contínua transformação e reconstrução social, colaboradora da constante reflexão e revisão social frente à dinâmica e mobilidade de uma sociedade democrática: o conceito social de educação significa que, cuide a escola de interesses vocacionais ou interesses especiais de qualquer sorte, ela não será educativa se não utilizar esses interesses como meios para a participação em todos os interesses da sociedade... Cultura ou utilitarismo serão ideais educativos quando constituírem processo para uma plena e generosa participação na vida social (TEIXEIRA, 1930, pp. 86-95).

Teixeira acreditava que o acesso (das camadas mais pobres) a escola serviria de base à disseminação de normas sociais e de valores para atender aos apelos da nova sociedade que se despertava para as mudanças rápidas nas condições de vida, decorrentes das descobertas científicas e conseqüentemente progresso tecnológico.

Diante dessas mudanças ocorridas no campo econômico e social, a sociedade encontrava-se diante de uma série de necessidades e novos tipos de ensino. A vida familiar é alcançada e a repercussão vai desembocar na escola. Com o surgimento de novas ideias, as ciências humanas passam a dar uma grande contribuição por meio da

psicologia da criança. Com o advento da Escola Nova é lançado um novo olhar na direção do desenvolvimento das ideias educacionais em nosso país. Os educadores para justificar o fracasso na sala de aula inerente ao aluno e a sua incapacidade de aprender, e pra adequar as novas disciplinas exigidas pela escola. O responsável pelo insucesso deixa de ser o educador e passa ser aluno.

A visão elaborada desta nova mentalidade atribui o fracasso ao ambiente familiar pertencente ao aluno das camadas pobres da sociedade. Essas são responsabilizadas por não oferecer um ambiente rico em experiências e por ser culturalmente carente. Esses são rotulados e possuidores de desvios psicológicos o que explicam o mau desempenho da criança na escola.

O psicologismo procura retirar da escola o compromisso educativo que ela deveria assumir. Os professores ressentidos, não encontrando estrutura favorável das escolas e no modo como se der a ação pedagógica foram provocados pela “carência cultural”, já que é inviável atuar sobre a família, busca-se modificar o aluno via psicologismo transformador. Sob essa visão, a escola deveria ser “centrada no aluno”, a metodologia deveria ser baseada no desenvolvimento integral, o professor seria o facilitador da aprendizagem. A teoria da “privação cultural” foi extremamente criticada, por adotar uma postura psicologista, desconhecer o passado e ignorar o que possa vir a ser a criança.

Ghilraddelli Júnior ao discutir as finalidades da educação lança seu olhar para pontos relevantes e nos mostra como a História da Educação se adequa para atender a mentalidade de determinada época, e do sistema escolar hegemônico

Ora, se a educação está intimamente vinculada à philosophia de cada época, que lhe define o character, rasgando sempre novas perspectivas ao pensamento pedagógico, a educação nova não pode deixar de ser uma reacção categórica, intencional e systematica contra a velha estrutura do serviço educacional, artificial e verbalista, montada para uma concepção vencida. Desprendendo-se dos interesses de classes, a que Ella tem servido, a educação perde o “sentido aristologico”, para usar a expressão de Ernesto Élson, deixa de construir um privilégio determinado pela condição econômica e social do indivíduo, para assumir um “character biológico”, com que Ella se organiza para a collectividade em geral, reconhecendo a todo o indivíduo o direito a

---

ser educado onde o permittam as suas aptidões naturaes, independe de razões de ordem econômica e social (2006, p. 231).

A escola nova entendia sua finalidade, ultrapassou os limites pré-estabelecidos das classes, desenvolveu-se e tornou-se humanizada, deu visibilidade a sua função social, na perspectiva de “formar a “hierarchia democrática” pela “hierarquia das capacidades”, recrutadas em todos os grupos sociaes a que se abrem as mesmas opportunidades de educação” (2006, p. 231). A escola nova objetivava organizar e desenvolver ação de ordem natural e integral do homem, nas diversas etapas do seu crescimento e da visão do mundo.

### **As Reformas**

O pensamento dos pioneiros se tornou conhecido e seus projetos foram difundidos. As orientações doutrinárias no campo da pedagogia sobre as reformas escolares começavam a se espalhar pelo país. Houve uma união entre os educadores e as reformas de ensino foram surgindo, conforme nos mostra o quadro abaixo:

#### **Quadro I- Demonstrativo das reformas dos sistemas escolares no Brasil**

<b>Ano</b>	<b>Signatários</b>	<b>Estado</b>
1920	Sampaio Dória	São Paulo
1922/1923	Lourenço Filho	Ceará
1922/1926	Carneiro Leão	Distrito Federal
1922/1926	Carneiro Leão	Pernambuco
1925/1928	José Augusto	Rio Grande do Sul
1927/1928	Lysímaco da Costa	Paraná
1927/1928	Francisco Campo	Minas Gerais
1928	Fernando de Azevedo	Distrito Federal
1928	Anísio Teixeira	Bahia

Fonte: TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Fernando de Azevedo e a Cultura Brasileira ou as aventuras e desventuras do criador. São Paulo: PUC, 1995.p.68. (Dissertação de Mestrado Educação)



O movimento foi bem sucedido, os professores apoiaram a iniciativa, e imbuídos dos mesmos sentimentos (dos pioneiros), sonhavam com mudanças concretas no interior da escola e nas suas práticas escolares. Como já vimos à escola renovada pretendia a incorporação de toda a população infantil. Já despontava nesta época o ensino intuitivo.

No final do século XIX, já se deslocava “ouvir” para “ver”, agora o ensino associava “ver” a “fazer”. As camadas populares têm acesso à escola e a alfabetização. Abre-se uma discussão sobre a leitura e a escrita. A leitura silenciosa despontou como resposta aos apelos da nova sociedade moderna: Caberia a escola oferecer os meios para o alargamento do universo de leitura do aluno. Juracy Silveira diretora da Escola Vicente Licínio no Rio de Janeiro, em 1933, esclarecia como esses novos pressupostos foram operacionalizados nos anos 30. “Com o objetivo de melhorar a aprendizagem da leitura, reuni com o corpo docente e expus a conveniência de se abolir a leitura (oral) fragmentada feita diariamente por todos os alunos. (...) Aconselhei o hábito de leitura silenciosa, seguido de um questionário oral ou escrito” (VIDAL, 2000, p. 507).

No final do século XIX e início do XX a pedagogia se preocupava com o cuidado do corpo, a questão da higiene, o método de projeto, questionava-se pontos importantíssimos da escola primária como: os horários, organização do espaço escolar (como as carteiras fixas, substituídas pelas móveis), abandono da ordem em fileiras e buscavam na associação oferecer condições para o trabalho em grupo. “Os alunos trabalham em grupos organizados por eles próprios, para a realização de pequenos projetos” (VIDAL, 1998, p. 515).

Em síntese o que percebemos foi que ao organizar o espaço e reordenar o tempo, uma nova relação passou a existir entre professor e aluno. “As professoras antigamente eram muito mais severas, não é? E a professora do tempo de Anísio Teixeira que foi quando mais ou menos, comecei minha vida de professora, ela tinha assim, um contato direto com a criança. Ela sentava no meio da criança na sala de aula” (VIDAL, 2000).

Outro aspecto foi à mudança de postura que o aluno passou a exercer. O aluno observador foi substituído pelo aluno experimentador. A higiene via-se corrigida pela psicopedagogia, o ensino era substituído pela aprendizagem. Racionalidade e eficiência eram máximas que se impunham no trabalho do aluno.

A pedagogia deixava-se impregnar pelos novos ritmos da sociedade técnica e do maquinismo. Ritmos que faziam entrever modalidades inéditas de intervenção disciplinar. Assim, caberia ao professor 'guiar' a 'liberdade' do aluno de modo a garantir que o 'máximo' de 'frutos' fosse 'obtido com um mínimo de tempo e esforços perdidos'. Assim, tambémurgia evitar que o 'interesse' do aluno peça fundamental da nova pedagogia se transformasse em 'paixão,' 'princípio intempestivo' de 'escolha caprichosas' (VIDAL, 2000, p.515).

Nesse período – da Escola Nova – surgiu então uma nova forma de ensinar e de aprender. A sociedade estava vivenciando mudanças em vários setores da sociedade. Com a nova pedagogia que foi inserida na instituição escolar, os alunos conquistaram mais liberdade, possibilitando novas aprendizagens, para compensar o tempo outrora perdido.

### **Considerações preliminares**

Os pioneiros do movimento renovador acompanharam todo o processo junto aos professores. Desejavam ver mudança de mentalidade para continuar avançando, até alcançarem os ideais da escola nova.

Com advento das reformas, as transformações foram acontecendo progressivamente. Não foi fácil cumprir essa tarefa; a de construir uma escola para todos. Durante os anos os ideais foram sendo cumprindo um a um. Mesmo assim, os problemas educacionais ainda continuam em pleno século XXI.

Houve avanços na implantação do ensino elementar, obrigatório, a presença do ensino secundário, e o advento da universidade. Com esses indicativos, já se contabilizam resultados significativos.

As mudanças continuaram existindo no cotidiano escolar, que anteriormente se fazia uso de castigos pesados, uma rotina entediante e as práticas repetitivas desestimulavam os alunos. Acredita-se que, com a nova proposta dos pioneiros houve melhoria na educação brasileira.

O apoio dos professores aos renovadores para reagir contra o modelo de escola existente no século XIX, foi de grande relevância, bem como a presença do povo nessas lutas. Esse aspecto serviu para alertar a elite que os educadores estavam atentos aos seus desígnios (sobre sua ambição) de legitimar cada vez mais sua ascensão ao poder e assim perpetuar-se.

---

Com esse movimento a escola tradicional passou em revista seus paradigmas, e tentou adequar-se a nova pedagogia, rejeitando dessa forma o ideário elitista. Temos clareza que ainda há muito a fazer (transformações na prática de ensino), e que não existe receita pronta para melhorar o sistema de ensino. Temos consciência de que o povo deve continuar reivindicando melhorias na educação. Mas, o Estado precisa ter a compreensão e cumprir com seu papel, ao continuar garantindo uma escola aberta para o povo, de qualidade, gratuita, e onde não haja sucateamentos dos direitos adquiridos.

## Referências

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução Álvaro Lorencini. Manual de história das idéias pedagógicas abrangendo civilizações antigas do Oriente e história da educação do Ocidente (da Antiguidade Clássica à segunda metade do século XX). São Paulo: UNESP, 1999.
- FERRO, Maria do Amparo Borges. **Literatura escolar e História da Educação**. Cotidiano, ideário e práticas pedagógicas. São Paulo: Faculdade de Educação de São Paulo. 2000. (Tese de Doutorado).
- GHIRALDELLI JR. P. **História da Educação Brasileira**. São Paulo, Cortez, 2006.
- LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Introdução ao estudo da Escola Nova**: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. 11. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1974. Clássico estudo sobre as fundamentações teóricas e práticas e ensino da Escola Nova. 1930. V.1.n.2, p, 86-95. Nov/dez.
- SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2008.
- Site: [http://novaescola.abril.com.br/Ed/114\\_ago98/html/historiaeducação.htm](http://novaescola.abril.com.br/Ed/114_ago98/html/historiaeducação.htm)
-

TEIXEIRA, Anísio. **A reconstrução do programa escolar: Escola Nova.** São Paulo: 1930. v.1. n.2, p.86-945 nov./dez.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Fernando de Azevedo e a Cultura Brasileira ou as aventuras e desventuras do criador e da criatura.** São Paulo: PUC, 1995.p. 68-70. (Dissertação de Mestrado em Educação)

VIDAL, Diana Gonçalves. “Escola Nova e processo educativo”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cinthia Greive. **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte: Autêntica. 2000. p.497-515.